

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Paulo Eduardo da Silva

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2020

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

O professor Paulo Eduardo da Silva é curador do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual José Rocha Mendes, em São Paulo/SP, criado em 2011, por ele que é professor-pesquisador com projetos anuais de HAE (horas atividades específicas) na Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec), e desde que ingressou no Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação Profissional e Tecnológica (GPEMHEP), em 2011. O professor tem vários artigos publicados em livros de memórias institucional.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: online, pelo *teams*

Data da entrevista: 2 de setembro de 2020

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 1 hora, 5 minutos e 51 segundos

Número de vídeos: um

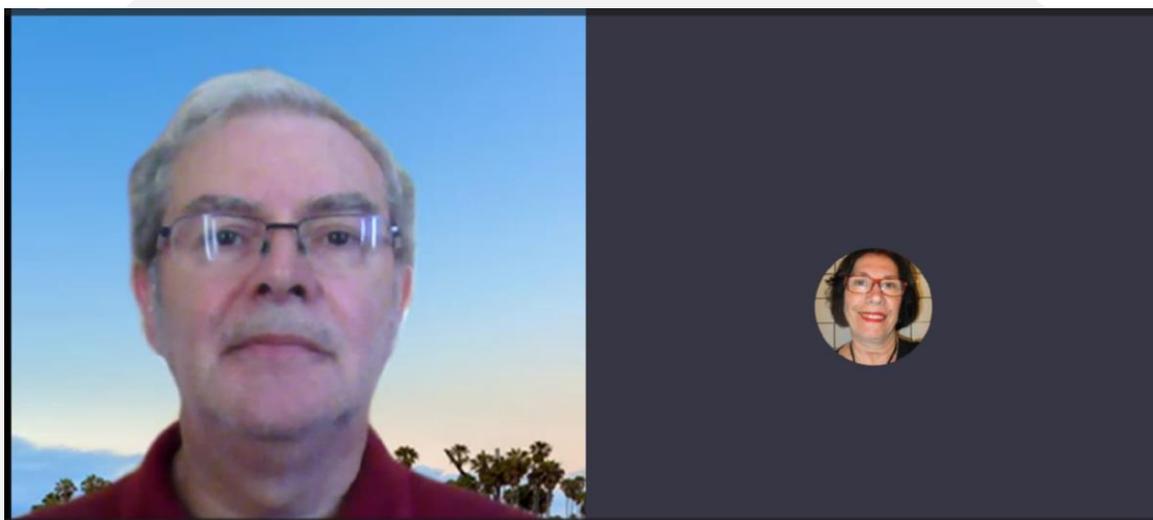
Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 21

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando um volume

específico e denominado “História oral na educação: docentes em centros de memória” com a participação de curadores em centros de memória, proposto pela entrevistadora durante a pandemia do Covid 19, como teletrabalho institucional, e com as gravações realizadas pelo *teams*, com a proposição de difundi-las dentro do programa História oral na Educação no site de memórias, em percurso histórico. Informo que a imagem da entrevistadora não aparece, exceto como foto de 2013, devido ao Computador pessoal da marca Acer, embora novo, apresentar problemas entre o drive e a câmera, identificado durante o trabalho remoto na pandemia, conforme indica a imagem a seguir:



Entrevista realizada online, pelo teams, em 2/09/2020.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: de 5 a xx de março a 10 de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Retorno do colaborador: 8 de abril de 2025

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Paulo Eduardo da Silva, da Etec José Rocha Mendes, aqui em São Paulo. Eu agradeço muito você estar concedendo essa entrevista de História Oral de Vida para nós do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, hoje que é dia 2 de setembro de 2020. Essa entrevista fará parte do programa “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”. E nós fizemos esse

convite para o professor, em função de você ser o curador do Centro de Memória dessa escola, e ter criado o Centro de Memória, estar participando do GEPEMHEP já há alguns anos. E para nós é importante conhecer a sua história de vida, onde você nasceu, onde você estudou, por que decidiu fazer História, como você ingressou no nosso grupo de Memórias e História da Educação Profissional, e como tem sido desenvolver esse projeto na Etec José Rocha Mendes, além de toda a sua produção científica sobre a história da escola.

Paulo Eduardo da Silva (PES): Boa tarde, então, Maria Lucia. Bom, para começar mesmo a história de vida, eu nasci na cidade de São Paulo, vivi aqui a minha vida toda, nasci em 20 de agosto de 1961, e passei a minha vida toda na cidade de São Paulo. Fui também aluno de escola pública, sempre na escola pública, estudei, então, ainda no tempo do grupo escolar, faz tempo para caramba. Depois, ingressei no que chamavam de ginásio, e depois ainda, adolescente comecei a trabalhar e fiz o meu ensino médio noturno. Assisti também ao declínio da educação pública, porque assim, na memória que eu tenho do grupo escolar, do ginásio, o nível de ensino era bastante exigente, e no ensino médio, quando eu cheguei ao ensino médio, a despeito de ser ensino noturno, mesmo o ensino diurno já se sentia uma sensível queda na qualidade, na exigência das coisas. E, comecei a trabalhar cedo, fiz o ensino médio trabalhando o dia inteiro, frequentando a noite, com todas aquelas dificuldades. Entrei na Pontifícia Universidade Católica, a PUC de São Paulo, ali em Perdizes, no curso de História mesmo, bacharel em História, depois licenciado em História, e por que fazer História? Por que fazer História?

MLMC: E que ano foi que você, e que período foi que você fez a PUC?

PES: Eu ingressei em 1981, e finalizei em 1985, quer dizer, eu me formei no último ano da ditadura. (risos) Foi o último ano da ditadura, ainda o curso superior foi sob a égide da ditadura militar, porque quando eu me formei também, oficialmente a ditadura militar estava encerrada. E aí, por que fazer História? Nunca é um motivo único, nunca é um motivo único. No ensino médio, eu senti assim, uma atração muito grande pela História, apesar de que, olhando em perspectiva, eu acho que os meus professores de História também não eram muito brilhantes, especialmente no curso noturno, que tem uma série de questões embutidas, mas a despeito das aulas não serem muito atraentes, eu achava uma ciência bastante atraente, à medida em que ela procurava esclarecer os porquês. E, estudando no período da ditadura, eu tinha muitas perguntas a serem respondidas, muitas perguntas. O Brasil era um país de terceiro mundo, mas o que significava ser de terceiro mundo, além só da pobreza? Por que que alguns foram relegados ao terceiro mundo, enquanto outros tinham situações muito diferentes?

Então, eu tinha uma série de perguntas mesmo que precisavam de respostas, e, para mim, a História é que seria capaz de esclarecer algumas coisas na minha cabeça, e eu achava bastante interessante essa possibilidade. E, quer dizer, quando eu finalmente me decidi, não, eu vou fazer História, além de tudo, eu tive uma grande oposição da família, porque todo mundo sabe que no Brasil o professor morre de fome, então, era uma coisa que diziam, mas professor, tal, assim... E, imagine, eu comecei a faculdade em 1981, era o início dos anos 80, que também foi um período, assim, bastante ruim, para a educação, é só analisar as greves do magistério, começaram ali por volta de 78, 79, e, praticamente, a década de 80 e 90 inteira, foi regida, assim, por greves contínuas, greves contínuas. Porque, como eu acompanhei tudo isso, em várias ocasiões você chegou a ter duas greves no ano, duas greves no ano, e, bem da verdade, esses 20 anos, década de 80, 90, as greves se repetiam, as greves se repetiam ano após ano, muitas vezes, lamentavelmente, muitas vezes eu entrava em sala de aula para dar aula, a primeira pergunta feita no ano era quando vai começar a greve? Enfrentei repetidamente essa situação.

MLMC: Mas isso já como professor? Já como professor?

PES: Já como professor, mesmo porque a situação do ensino era tão caótica, e não tem palavra melhor para explicar, a situação do ensino era tão caótica, que as escolas ficavam caçando o professor a laço. Porque, como a minha família tinha previsto, a vida do professor era muito ruim, então já era uma fase em que, assim, a antiga geração de professores estava se aposentando, e ninguém mais queria dar aula, ninguém mais queria dar aula. Então, as escolas, para suprir a falta, pegavam estudantes de faculdade para dar aula.

MLMC: Mas isso já na década de 70. Eu dei muitas aulas de substituição no final da década de 70, quando eu ainda era estudante do curso de Química. Então, você vê que já vem antes da década de 80.

PES: Ok, mas você pegava substituição, não é isso?

MLMC: É.

PES: Mas era substituição...

MLMC: Ah, sim, é verdade, substituição gestante, é verdade.

PES: Não, então, no meu caso, como eu te disse, eu fazia faculdade trabalhando, ganhava muito mal, ganhava muito mal porque não tinha formação, aquele negócio e tal. Aí, uma colega perguntou se eu não gostaria de dar aula, e eu me apresentei lá para dar aula. Então, expliquei que eu sou estudante da PUC e tal, e a colega ali falou que tem aula aqui. Não é exagero, mas foi desse jeito, foi desse jeito. A diretora perguntou para mim, que hora são? Eu falei lá, 4h20. Ah, então corre, corre que eles ainda não foram dispensados, você pega eles lá na sala, e subiu comigo e foi só me apresentar, falando que era amigo da fulana, que a fulana falou, me enfiou na sala de aula assim, na hora, sem preparar.

MLMC: Que ano foi isso?

PES: Olha, isso foi no ano da graça de 1983, Maria Lucia, foi 83.

MLMC: Meu Deus, que loucura.

PES: Não, não é pouca loucura, é muita loucura, porque eu expliquei a minha situação. Ah, então corre, corre lá, vai lá, que isso e tal. À noite, aí eu dei lá algumas aulas, dei algumas aulas, porque eu dei aquelas aulas ali que o pessoal estava esperando ainda, e à noite eu tinha aula na faculdade, cheguei na faculdade, contei para os colegas o que tinha acontecido, uma colega falou...: - mas essa mulher é louca. Ela falou desse jeito... essa mulher é louca, porque... quer dizer... eu poderia ser um assaltante, eu poderia ser... enfim, poderia ser pedreiro, poderia ser pedreiro, poderia ser caminhoneiro, eu cheguei lá, falei que era estudante, a mulher me enfiou na sala de aula. O pessoal da faculdade ficou espantado, mas isso é para você ver o nível de desespero que as escolas precisam de gente a todo custo. E você falou de aulas de substituição? Muito bem, eu entrei na sala de aula esse dia e nunca mais saí, e nunca mais saí. Então, é substituição, sim, mas essa substituição emendou com outra coisa, com mais uma, e faz 37 anos que eu dou aula, 37 anos que eu dou aula, ou seja, é assim. Eu acho que a década de 80, a coisa piorou muito por causa disso, quer dizer, só pegando a minha experiência, e assim, eu aí já trabalhando, já com aulas atribuídas e tudo, e outras escolas me ligando: - olha, mas não tem jeito de você vir para cá, porque a gente está precisando, porque tá, tá, tá, é assim. Era muito louco o negócio, porque eu peguei essas aulas no susto, e faz 37 anos e eu nunca mais larguei, entendeu? Quer dizer, não eram situações pontuais.

MLMC: Agora, deixa eu te fazer uma pergunta, quando você, em 83, então, você tinha um trabalho, você deixou para dar aulas, valeu apenas financeiramente ou você pensou realmente na sua carreira?

PES: Olha, então, o pior é que assim, a situação do professor realmente sempre foi ruim, porém, eu era estudante na faculdade e eu fazia trabalho, assim, do tipo auxiliar de escritório. Então, como um auxiliar de escritório daquela época também ganhava muito mal, porque eu não conseguia grandes empresas, firmas de nome, era tudo quebra galho para poder pagar a faculdade, para conseguir pagar a faculdade. Então, pegar aulas, até que foi interessante, mas isso porque também a atividade que eu fazia na época era muitíssimo mal remunerada. Então, pegar aulas até que foi interessante, tem o lado da carreira, porque era o que eu queria fazer, mas, assim, financeiramente também até que melhorou um pouco, até que melhorou um pouco, não porque a situação do professor fosse boa, porque não era, mas porque o tipo de trabalho que eu realizava era realmente muito desqualificado.

MLMC: Eu te perguntei isso porque eu passei por uma situação semelhante à sua, eu fui auxiliar de escritório, secretária, fiz o ensino médio à noite, então, por isso que te fiz essas perguntas, e foi mais ou menos como você, só que eu fiz o que você fez uns cinco anos antes. (risos)

PES: Nossa, pois é, e depois, bom, e depois a gente assistiu o colapso da escola pública, porque com o passar dos anos também, assim, a gente recebia aluno que falava, sei lá, o aluno estava lá na oitava série e falava: - mas sétima série eu não tinha aula de matemática. E, não tinha aula por quê? Porque não existia o professor. Encontrei dezenas e dezenas de alunos: - eu não tive matemática e física tal ano. Porque não tinha professor, aí no outro ano não tinha geografia, enfim, a escola pública, infelizmente no Brasil, tem uma história triste, uma história muito triste.

MLMC: Mas você não passou por isso na década de 70? Porque eu passei por isso, quando eu entrei na Universidade de São Paulo, eu tinha que estudar matéria do ensino médio, que eu não tinha, não tive, porque faltava professor, ninguém repunha. E fui levando, sabe assim, você passou por isso também?

PES: Então, não, eu estou até surpresa de você me dizer isso, porque as escolas que eu frequentei, assim, tinha uma falta de professor, quer dizer, você tem aula com a dona fulana, hoje a dona fulana faltou, mas não essa coisa crônica que se tornou de assim, não existe o

professor, ninguém pegou as aulas. No meu fundamental e no meu ensino médio, eu não me lembro de nenhuma disciplina com esse problema. O problema é que eu enfrentei, que hoje a gente estuda isso, tá certo? Governo militar tornou todas as escolas profissionais, só que era um ensino profissional fajuto. Então, o meu ensino médio, como é que foi? Eu fui estudar numa escola que era próxima de onde eu morava, uma escola, até hoje, uma escola muito conceituada, pública, e eu fui estudar nessa determinada escola, e o governo militar veio com essa novidade, não, agora é tudo ensino profissional, então você escolhe o ramo primário, terciário, ramo primário, secundário, terciário. E, eu pensei, bom, eu quero fazer História, eu quero fazer História, então, seria o correspondente a Humanas, seria o correspondente a Humanas, seria esse setor terciário. E, aí você tinha as matérias do Núcleo Comum: História, Geografia, Português, e tinha, e ganhava inteiramente grátis, uma formação que se dizia técnica em Contabilidade. Eu não tinha, e nunca tive nada a ver com Contabilidade, porém, eu tinha que me formar no ensino médio, para ter acesso à faculdade, e se formar no ensino médio, era fazer uma das três opções. Eu optei por aquela que eu achei se aproximasse mais, do que eu precisava. Só que, o que acontece? Então, eu tinha Organização e Normas, Mercadologia, Contabilidade, enfim, tinha uma série de matérias técnicas.

MLMC: Mas, era no último ano que você teve essa mudança? Era no último ano?

PES: Não.

MLMC: Era nos três anos?

PES: Três anos, os três anos. E aí, o que acontece? Essas matérias técnicas roubavam espaço de Química, Física, Matemática, que eu ia precisar no vestibular, porque também é bom lembrar o vestibular, naquela época, cobrava todas as matérias. Hoje, mudou um pouco, mas, naquela época, não podia, por exemplo, zerar em nenhuma matéria, e, se você fosse fazer Engenharia ou História, a prova era a mesma, ou seja, caía Química, Física, Matemática, e eram matérias que eu não tinha, não tinha. Só um minuto, Maria Lucia, eu preciso ligar a minha fonte aqui.

PES: Pronto, voltei. Eu estava ligando a fonte, porque esgotou aqui o meu note. Então, continuando. Então, essas matérias técnicas tiravam espaço de diversas outras matérias, que eu sabia iriam cair no vestibular, e eu não tinha aquelas matérias. Por outro lado, se eu escolhesse um outro setor, setor primário ou secundário que fosse, aí eu não teria História, Geografia. Então, inclusive, inclusive, eu já li vários autores dizendo claramente que isso foi

uma jogada do governo militar para negar o acesso de determinadas classes ao ensino superior, o que, para mim, faz muito sentido. Porque dificultou enormemente o meu ingresso na universidade.

MLMC: Porque, olha, eu peguei aquela mudança que antes era clássico e científico. No ano que eu comecei o ensino médio, eu tive que optar, foi colegial, e daí eu optei por exatas. Assim, mas eu acho, eu achei que tinha um, também a gente era muito criança, não conseguia perceber adequadamente. Mas, eu me lembro que em 71, por aí, vieram aquelas salas ambientes, que eu achava fantástica, aquelas salas ambientes, porque parecia uma sala lição das coisas, porque cada professor montava a sua sala. Mas durou pouquíssimo tempo e voltou tudo ao normal, o que eu achei muito chato. Mas, pelo que você está falando, talvez em 74 teve a outra mudança curricular e daí entraram essas disciplinas, porque eu me lembro quando eu estava, acho que já fazendo o cursinho, e se falava dessas separações no ensino médio.

PES: Pois é, e até é interessante deixar registrado aqui, por que o que acontece? Dificultou o meu acesso à universidade, e só que assim, eu fui duplamente tapeado, eu fui duplamente tapeado, porque eu achava que estava me formando Técnico em Contabilidade. O que aconteceu? Assim que eu me formei no ensino médio, eu fui procurar emprego na área de contabilidade. Afinal de contas, eu sou técnico, então vamos, pelo menos, aproveitar os anos que eu gastei aprendendo isso aqui. E aí, na entrevista de emprego, a entrevistadora me perguntou: - qual é o número do seu CRC? E eu ingenuamente perguntei: - o que é isso? E aí ela me explicou o registro em contabilidade que eu não tinha. E a entrevistadora ainda complementou, eu não sei, a própria entrevistadora me falou isso: - eu não sei o que o governo quis com essa mudança. Porque, assim, faz um curso que teoricamente é de contabilidade, você não tem registro, o seu diploma não diz que você tem essa formação, constam as matérias lá, ok. Mas efetivamente, ele não te tornava um técnico em coisa nenhuma. E eu simplesmente não podia procurar emprego nessa área, porque eu não tinha uma habilitação nessa área. Então, olha que maravilha, de um lado, nega o meu acesso à universidade, porque me tira um monte de matérias que eu deveria ter conhecimento, e de outro lado, me fornece todo um conhecimento que eu não queria, não precisava, e que não me ajudou em nada, sequer, a arrumar um emprego. Ou seja, eu fiz esse técnico implantado pela ditadura foi, assim, uma pegadinha, foi uma verdadeira pegadinha, porque prejudicou, fecha a porta da universidade para você e fecha a porta ao emprego. Foi isso que fizeram. Deixaram você sem saída.

MLMC: Paulo, durante o ensino médio, você teve professores que eram mais politizados e que davam ideia de que situação nós estávamos?

PES: É, lamento dizer que não. Não. Tanto é, por exemplo, a aula de história mesmo que a gente tinha, até hoje eu penso, se eu dependesse daquelas aulas para gostar de história, eu não ia gostar de história, porque, efetivamente, não te acrescentava absolutamente nada. Então, não. Não tivemos professores politizados nem nada, porque também a gente sabe que era extremamente perigoso era extremamente perigoso. Então, professora de geografia também. Enfim.

MLMC: Eu estudei escola pública, mas eu tinha professores, que eram professores substitutos, e que eram professores da Universidade de São Paulo, tanto da área de exatas como da área de humanas. Então, eu tive a oportunidade de participar desde o movimento secundarista, indo representar a minha escola, assim, indo participar. Porque eu pensava em ser professora de história, mas eu pensava assim, eu não vou poder contar a história nessa época. E, também, como eu sempre gostei de exatas, acabei indo para exatas.

PES: Pois é, Maria Lucia, mas eu posso arriscar um palpite aqui de dizer os professores dessa minha escola, especialmente no ensino médio, como era uma escola muito conceituada, e só muitos anos depois eu fiquei sabendo que o diretor da escola foi indicado pelo governo para ocupar aquela direção, ou seja, o diretor era alguém plantado ali para manter a ordem e o progresso.

MLMC: Isso também eu percebia na minha escola, que aquela pessoa não tinha absolutamente... Assim, você olhava para ela, você não via um educador ali.

PES: Então, e aí eu fico imaginando, né? Como era uma escola central, num bairro bom. Eu quero crer que a grande maioria dos professores era efetiva no cargo. A grande maioria devia ser efetiva no cargo. E aí, realmente, no meu entendimento, sabe? Não é um estudante que está ali quebrando um galho que depois sai, quer dizer, o cara está amarrado ali, e vigiado pela direção. Então, eu creio que em função disso também, o pessoal pegava leve nas coisas. Eu faço essa interpretação do clima, né? Do clima que você tinha aí na escola.

PES: Eu sei que, olha, esse Ensino Médio, né? Semiprofissional aí, isso foi uma piada de mau gosto. Eu me senti, sabe assim? Eu calculo que toda aquela geração caiu nesse limbo. O limbo de não ter faculdade e não ter emprego. Tanto é que como é que eu me virei para pagar

a faculdade, arrumava empreguinho. O empreguinho que desse, auxiliar de escritório, trabalhar no comércio também. A gente se virava mais assim, empreguinho com salariozinho. Lembrando também que o início da década de 80 foi uma crise econômica bravíssima. Logo que eu entrei na faculdade, desemprego assim enorme. Se você conseguisse um empreguinho ruim já estava ótimo porque o país numa situação muito ruim. Enfim, eu sei que só trabalhando com memórias da educação é que eu vim a formar um painel do que estava acontecendo naquele período E por que, por que de certas opções? Por que de certas opções? Quer dizer, a universidade tinha que ser reservada a pessoas da classe certa. Eu não era da classe certa, então, aí dificultaram a minha vida o quanto puderam, dificultaram o quanto puderam. E, num certo sentido também, acho que só reforçou a minha necessidade de conhecer história. Entender essa maluquice toda, porque o país, o Brasil é um país muito complicado. Bom, a despeito de tudo isso. Eu consegui entrar na faculdade, a PUC foi a única escola particular que eu frequentei.

PES: Não entrei na USP, acredito, muito em função dessas dificuldades todas que eu enfrentei. De ser aluno noturno, de um monte de coisa que eu tinha que conhecer ou não conhecer, enfim, essa confusão toda. E só consegui fazer a PUC de São Paulo por quê? Por obra do divino, a PUC é ligada à Igreja Católica e eles tinham o Bolsa Pobreza. Não era assim que eles chamavam, mas era assim que eu chamava. Alunos com muitas dificuldades financeiras, eles davam, uma bolsa restituível, aí eu contei para eles a minha triste história e consegui uma bolsa de 60%. E não fosse isso, eu hoje estaria provavelmente carregando tijolo em alguma obra aí, alguma construção por aí.

MLMC: Olha, mas eu tive problemas semelhantes ao seu, assim. Só que eu não me arrisquei, eu entrei primeiro numa faculdade de engenharia particular, boa, mas que era FEI. Mas eu falei, não dá. Daí, comecei a estudar sozinha. Estudei sozinha até entrar na USP, né? Porque não teria condições de estudar também.

PES: Parabéns a você, Maria Lucia. É admirável mesmo, eu entrei na PUC, e como eu disse, por obra do divino a PUC, quer dizer, eu pleiteei essa bolsa. Recebi a bolsa 60% já. Me ajudou demais, porque senão não teria como continuar. Cursei cinco anos, eu fui de 81 a 85, com licenciatura e tudo mais. E essa bolsa era restituível. E era uma coisa que me preocupava bastante. Só que, como também, nos anos 80, a inflação era absurda, e esse programa de bolsa da PUC, e a gente tem que reconhecer, era realmente para ajudar os pobres, eles não faziam correção da dívida. Eles não faziam correção. Porque, senão, a dívida realmente se tornaria impagável.

MLMC: Tipo o BNH.

PES: É, tipo o BNH, né? Só que não, nisso eu reconheço o papel da PUC, da Fundação São Paulo, porque eu tive 60% de bolsa, está certo, só que eles não corrigiam, ou corrigiam muito pouco, muito abaixo da inflação. Quando eu terminei o curso, olha, eu paguei algumas prestações. Eu até me lembro exatamente. Eu paguei nove prestações, nove mensalidades, e a dívida se esgotou. Então, olha, foi melhor que negócio de pai para filho. Porque, sabe assim, a despeito de eu ganhar muito pouco, a despeito das dificuldades, eu rapidamente me liberei daquela dívida. E foi o que, na verdade, mudou a minha vida, porque, olha, 37 anos depois, cá estou eu ainda vivendo, vivendo dos meus conhecimentos em história. E, enfim, realmente eu sou obrigado a reconhecer o papel da Fundação São Paulo em auxiliar esses estudantes com dificuldade.

MLMC: E teve algum professor que te marcou na PUC? Teve algum professor que te marcou? Alguma área específica em História que te marcou?

PES: Olha, graças a Deus, Maria Lucia, foram muitos. Foram muitos mesmos, tá? Nicolau Sevckenko, um cara absolutamente genial. Todos esses, olha, por ironia, todos esses que eu vou citar, acabaram indo para a USP. Deram aula para mim na PUC e depois acabaram todos na USP. Então, Nicolau Sevckenko, cara genial, Modesto Florenzano, todos eles autores de livros, pessoal gabaritado, muito gabaritado. Esses dois foram para a PUC, para a USP, ficaram vários anos na PUC e acabaram na USP. A Ilana Blaj, Ilana Blaj, ali no prédio da História, tem uma sala com o nome dela, foi minha professora na PUC. O Elias Tomé Saliba, também muito conceituado, com vários livros escritos, também acabou indo para a USP. São muitos, são muitos. Holien Bezerra, esse eu não sei que fim levou, mas era um senhor já no meu primeiro ano de curso, ele já era um senhor, também autor de vários livros, enfim, olha, muita gente boa, muita gente de primeira linha e foi um, assim. Não vou nem dizer que foi um curso marcante, né? Porque, assim, eu fiz a minha carreira de 37 anos e ainda não parei. Eu fiz a minha carreira em cima desse conhecimento todo que eu adquiri por lá. Então, muita gente boa mesmo, e é muito legal também estar falando isso aqui. Para lembrar dos anos de faculdade. Tenho foto com a minha turminha lá no campus, no campus da PUC. E, enfim, sei lá, você queria registrar os professores, não sei se eu continuo falando dos professores ou se já é o suficiente?

MLMC: Não, eu fiz essa pergunta porque normalmente nós definimos a nossa profissão com base em alguns professores que são marcantes. Ou mesmo depois de ter definido a nossa

profissão, sempre tem professores que a gente se inspira, que contribuem para as nossas práticas, tanto que você vê que a gente acaba selecionando alguns referenciais teóricos para escrever. Porque a gente se identifica com eles. Então, foi por isso que eu te fiz essa pergunta.

PES: Hum, hum. É muito legal estar tendo essa chance aqui de falar tudo isso. E eu não sei para que lado ir agora.

MLMC: Nesses 37 anos, no início você foi pegando aulas de substituição até se formar. E quando foi que você ingressou como efetivo? Foi na Secretaria da Educação? Que ano foi? E depois como foi que você ingressou na Paula Souza?

PES: Bom, então deixa eu fazer uma explicação rapidinha porque, assim, na verdade eu não fiquei pegando aulas em substituição. Eram aulas livres, é como eu disse: - a falta de mão de obra era muita. Era muita falta de mão de obra. Então, as aulas ficavam livres. Eu era ACT. ACT - admitido em caráter temporário. Admitido em caráter temporário, que seria, assim, mal comparando, o contrato determinado da Paula Souza. Na verdade, eram aulas livres. Eram aulas que ninguém pegou porque não tinha um profissional. Então, e aconteceu, você deve se lembrar do Centro Cívico, porque a gente ainda estava na Ditadura Militar e as escolas não tinham... Bom, tinha o... Depois virou Grêmio. Depois no regime, no período Democrático, virou o Grêmio Estudantil. Mas o Centro Cívico, ele tinha que ser coordenado por um professor. E eu, porque ficou vago ali, ficou vago o cargo. Ninguém assumiu aquilo lá. E aí a diretora me colocou para tomar conta do Centro Cívico. Então, eu dava aulas e, ao mesmo tempo, cuidava do Centro Cívico da escola. Recebia, algumas aulas pela coordenação do Centro Cívico. Recebia porque, efetivamente, eu dava aula em sala. Então, assim mesmo, não era uma instituição. E, como eu disse, desde então, eu já me fixei. Já me fixei na escola, tá? Aí, eu estava finalizando o curso, em 1985, o Governo do Estado abriu o concurso para efetivar professores. Só que, para participar do concurso, a gente precisava do diploma. E eu estava no último ano. Eu me inscrevi, eu e meus colegas. Os meus colegas todos lá nos inscrevemos para um cargo, um cargo efetivo. Todos nós passamos, porque havia muitas vagas também, mas passamos muito bem colocados, graças a Deus, também. E, para nossa sorte, o próprio governo pediu que a PUC acelerasse o processo dos diplomas. Porque levava, você deve lembrar disso. Os diplomas iam...

MLMC: Lembro sim! (risos)

PES: Demorava uma eternidade para o diploma ficar pronto. Mas, se você comprou e foi aprovado no concurso, o seu diploma seria acelerado. E aí, foi ótimo, né? Porque saiu lá meu nome no Diário Oficial. Eu comprovei, mostrei lá na PUC, olha, fui aprovado. Então, preciso acelerar. E aí, enfim, entregaram os diplomas para que nós pudéssemos assumir o cargo. Assumi o cargo em 1986. Em 1986, já era efetivo no Estado. Agora, como profissão, eu considero em 1983, porque foi eu entrar na sala de aula e nunca mais sair. Nunca mais sair, não teve interrupção. Não teve assim, ah, fiquei uma semana, um mês sem aulas, não. O tempo todo. Sempre tinha vaga, sempre tinha lugar, sempre tinha gente. Então, inclusive, na mesma escola, eu nem tinha que trocar de escola, porque sempre estava sobrando aula. Então, enfim, foi bom e foi mal, eu digo foi mal, porque essa situação também destruiu a escola pública.

MLMC: Mas você dava aula só de História ou de outras disciplinas?

PES: Ah, legal. Então, tá. Porque, olha só, eu tive o privilégio de dar aula no regime militar. Então, a gente tinha OSPB, Organização Social e Política Brasileira, e Educação Moral e Cívica, Educação Moral e Cívica. Então, eu pegava aula de História e dessas outras duas. Então, quer dizer, havia muitas opções de aula, havia muitas opções de aula, e mais a coordenação do Centro Cívico. Porque como eu era habilitado em Educação Moral e Cívica, então nada melhor do que tomar conta também do Centro Cívico. Enfim, agora...

MLMC: E o que você desenvolvia no Centro Cívico? E o que vocês desenvolviam?

PES: É... Assim, era muito, vamos dizer assim, tinha uma parte recreativa, uma parte recreativa, tinha a fanfarra da escola, que eu não entendi absolutamente nada de fanfarra, mas como tinha... Existiam alunos que participavam de escola de samba, de outras coisas, então, os próprios alunos ensinavam os outros, tá certo? E funcionava, funcionava porque a gente conseguiu desenvolver a fanfarra, embora eu não entendesse nada de música absolutamente, mas os próprios alunos uns ensinavam os outros e a coisa andava. E campeonato de futebol. Assim, tinha lá um lado recreativo. E, por outro lado, é claro, o regime exigia que se comemorassem as datas cívicas. Então, tinha aquelas datas mágicas, que tinha que assistir a bandeira, tinha que cantar o hino, tinha que ensinar os alunos a cantarem o hino. Além de outras atividades, vamos dizer assim, mais culturais, algumas exposições de trabalho dos alunos. Era meio pau para toda obra, tudo que a escola precisava lá. Eu era bem novo, eu era bem novinho e tudo que a escola precisava, a gente estava ali, para ajudar as

festas também. Porque era papel do Centro Cívico cooperar com as festas. Então, tinha festa junina, aquelas quermesses. Bom, você imagina, era um pouco de tudo.

MLMC: E que ano você entrou na Paula Souza? E como foi?

PES: Então, na Paula Souza, aí eu já era macaco velho do Estado. Porque o meu concurso na Paula Souza foi em 1994. Em 1994, que, pelo que eu sei, foi um concurso grande. Porque muitas escolas tinham ingressado no Centro Paula Souza e precisavam também de muito professor. Então, fizeram uma concussão enorme, nessa época, eu dava aula no Brasílio Machado, que fica ali na Vila Mariana, e uma colega me perguntou: - você vai prestar o concurso para a escola técnica. Eu falei, ah, eu vou, e ela falou: - olha, então, escolhe a Rocha Mendes, porque lá é muito legal, o ambiente é muito bom. Eu não fazia a mínima ideia de onde ficava a Rocha Mendes. Mas o fato dela dizer que o ambiente era muito bom, eu falei: - ah, é aqui que eu vou. Porque melhor estar num ambiente bom, do que se arriscar sei lá onde. E aí, então, em 1994, eu optei por prestar o concurso para a José Rocha Mendes, por indicação dessa colega. Porque essa colega já tinha trabalhado na Rocha Mendes, falou muito bem do ambiente lá. E, ao mesmo tempo, ela era irmã da coordenadora do curso de eletro, ela era irmã da coordenadora do curso de eletro e já tinha trabalhado lá. E aí, por todos esses motivos, olha, vai para a Rocha Mendes que o ambiente é ótimo e tal. Prestei o concurso em 1994. Em fevereiro de 1995, já comecei trabalhando. Já começamos aí eu e outros muitos que ingressaram também. E aí tinha aquela troca, porque tinha gente que estava encerrando o contrato e saindo, para que esses novos ocupassem a vaga. Então, a partir de fevereiro de 1995, eu comecei a fazer parte, com muito orgulho, do Centro Paula Souza. E eu digo com muito orgulho, porque eu gosto muito de trabalhar na Paula Souza. Uma coisa que eu sempre digo, e é pura verdade, nunca trabalhei com um corpo docente tão competente. Tão competente, porque você tem muitos, são mestres, doutores, gente que tem empresa, que atua no setor técnico, no ensino profissional, e ao mesmo tempo exerce atividade profissional em microempresas próprias. Então, eu acho muito bacana. Eu acho que o pessoal da Paula Souza é muito competente. Aí, em 2011, eu conheci a Maria Lucia.

PES: Em 2011, eu conheci a Maria Lucia (risos) criei coragem, porque eu já sabia do projeto de memórias, mas, na época, eu estava envolvido também com outros projetos, com outras coisas. Mas, aí, apareceu esse negócio, fiquei pensando em trabalhar com memórias e me arrisquei a falar com a moça.

MLMC: Mas, foi em eventos que nós nos conhecemos?

PES: Foi o quê?

MLMC: Foi em eventos de memória que a gente se conheceu. Porque, assim, eu me lembro de te fazer convite e você falar assim, por enquanto, eu não posso. Eu acho que você devia estar com muitas aulas. Você vinha para os nossos eventos. Eu, novamente, te sugeria ter projeto. E, daí, uma hora você falou, não, o ano que vem eu vou começar.

PES: É, não, mas foi isso mesmo. Porque eu comecei a ver os encontros de memória. E, é lógico, memória e história têm tudo a ver. Mas, assim, eu não podia assumir de cara, porque, como eu disse, eu já tinha outros compromissos, outras coisas e tal. E, aí, eu fui preparando o terreno. Fui me desvencilhando, vamos dizer assim, dessas outras obrigações para assumir um projeto mesmo com memória. E, foi muito legal, foi muito legal porque projeto de memória me permite escrever. E, eu descobri que escrever é muito legal. Pesquisar e escrever, eu sempre tive essa vontade, mas a atividade de professor, essa loucura toda assim, eu não podia exercer mesmo. E o fato de ter entrado para o grupo de memórias meio que me obrigou a colocar isso em prática. E, aí, eu descobri que realmente é uma atividade muito prazerosa. Eu gosto muito de fazer parte da Paula Souza e fazer parte das Memórias, fazer parte aí do GEPEMHEP e escrever.

MLMC: Oh, o nosso livro vai sair esse ano, viu? Já foi assinado o contrato com a gráfica.

PES: Você acha que fica pronto quando?

MLMC: Olha, essa semana eles vão me mandar a carta de empenho porque eles me mandaram na segunda-feira o contrato assinado pela professora Laganá e pelo responsável da Gráfica. Agora, tendo essa carta, eu estou com todo o material pronto para mandar. Eu acho que mais uns dois meses a gente tem, porque demora até aprovar o boneco. Mas vai sair em 2020.

PES: Vai sair ainda em 2020?

MLMC: Vai, vai sair.

PES: Pois é, e eu tenho mais um capítulo nesse aí que vai sair, o que é uma satisfação muito grande para mim. E parabéns de novo a você, né, Maria Lucia? Porque você realmente consegue tirar leite de pedra. Eu digo tirar leite...

MLMC: Isso é importante para a instituição. Eu acho assim, tudo isso a gente consegue porque tem o apoio da coordenação, tanto do professor Almério (Almério Melquíades de Araújo) como da professora Lucília Guerra que valorizam o projeto. E espero que nós... Esse projeto tem 23 anos e espero que ele continue com os outros, pois quando nós não estivermos mais aqui, que outros continuem desenvolvendo, como nós fizemos quando recebemos da Júlia Falivene.

PES: Pois é, exatamente. A Júlia também que foi uma contribuição fantástica para que tudo isso acontecesse. E quer dizer: - mas, olha, tem uma coisa que eu adoro escrever. Agora, escrever em tempos de pandemia está difícil. Eu vou deixar isso registrado aqui também. A gente escreve, a gente faz, porque o compromisso vem primeiro, mas escrever na pandemia tem sido muito difícil. Muito difícil, a pesquisa ficou, assim, travada e a gente está remando contra a maré aí para...

MLMC: Agora, os alunos têm acompanhado o que é proposto? Você tem sentido isso? De forma... Assim, é uma grande porcentagem que acompanha o que é proposto? É...

PES: Você está se referindo, assim, à nossa produção como GEPEMHEP?

MLMC: Não, não, estou perguntando por causa da pandemia que você falou. Porque, assim, eu sei que os professores estão tendo muito trabalho. Fazendo muitas pesquisas para poder se apropriar de pesquisa de outros professores. Porque eu mesmo também tenho assistido muitas lives, porque os professores universitários têm promovido encontros e a gente naquele afã de conhecer, de ver o que o outro está fazendo, você acaba consumindo muitas horas. Mas, eu conversando com professores nossos, do nosso grupo, eles também consomem muito tempo fazendo pesquisa para passar para o aluno, e daí a pergunta é essa: - os alunos estão aproveitando todo esse trabalho que é grande de pesquisa? Porque preparar aula para difundir é muito mais trabalhoso do que você estar na sala de aula tirando as dúvidas pessoalmente, que pessoalmente você consegue detectar um ponto aqui, outro ponto ali. E o sistema atual do *teams*, ele também, assim, você tem que levantar a mãozinha, nem todos levantam a mãozinha, você não consegue enxergar ninguém. Então, é lógico que em época de pandemia, ainda bem que nós temos isso, ainda bem que o Centro Paula Souza já estava preparado, mas eu acho que as aulas presenciais, elas também são muito importantes. Como é importante se apropriar desses conhecimentos, mas eu acho que vai ter muita coisa a ser revista.

PES: Sim, sem dúvida nenhuma, e sobre aproveitar o nosso trabalho, o nosso desempenho. Porque são muitas horas de trabalho, enfim, é muita coisa mesmo. Olha, o que que eu posso te dizer disso? Com certeza, alguns estão aproveitando bastante, alguns participam mesmo, acompanham tudo. Agora, uma coisa que tem sempre sido recorrente nas reuniões, reuniões de professores, são alunos deprimidos, alunos desmotivados e isso não tem nada a ver com plataforma, nem com nada, não. É porque é aquilo, eu acho que assim, a gente tinha uma vida na escola e essa vida na escola foi abandonada. Lógico, né? Absoluta necessidade, tinha que ser assim, não poderia ser diferente, mas eu acho que isso derrubou muita gente. Ontem mesmo, só para você ter uma ideia, um aluno me escreveu no chat e dizendo olha, professor, eu não estou conseguindo acompanhar direito, tem tarefa para entregar, tem coisa para fazer, mas ele me explicando isso. A mãe pegou Covid, aí o pai também pegou Covid, para protegê-lo, ele foi morar com a avó e aí tá o pai e a mãe doente e ele tá morando em outra casa com a avó. Você vai esperar que resultado desse aluno, se ele ficar deprimido, se ele não conseguir fazer as tarefas, se ele não tiver cabeça para ouvir a sua aula, você tem que entender. Porque imagine que situação complicadíssima, esse aluno está vivendo o pai e a mãe doente e a gente não sabe como que isso vai terminar, ele tá com a avó e enfim, a cabeça dele deve estar...

MLMC: É, por isso que eu acho assim, os próprios secretários do governo, eles mesmos já anunciaram, que a gente vai juntar tudo isso, os alunos têm que ser aprovados, não tem como. E depois vamos ver como é que nós vamos fazer para recuperar, assim, não tem, não tem, é uma pandemia. Pandemia, mexe com todo mundo. É uma boa sugestão, olha, em função do...

MLMC: Eu estou gostando muito de conversar com você, mas certamente nós continuaríamos e teríamos muitas outras coisas para falar sobre educação, mas nesse momento eu vou interromper essa entrevista, que já tem por volta de uns 60 minutos e vou transcrevê-la, vou depois te mandar os termos de autorização para podermos publicar e difundir o vídeo e espero fazer outras entrevistas com você. Eu agradeço muito você ter contribuído aí com o nosso projeto.

PES: Eu agradeço muito a oportunidade de ter podido contar essas memórias todas aqui, acho que isso também é muito importante para o projeto, é muito importante para o GEPEMHEP. E sempre que precisar, a gente está aqui para cumprir o nosso papel. E veja só você, eu estou aqui conversando com você e na minha tela já tem recadinho de aluno

esperando resposta, não sei o que é que está acontecendo, mas está indicado ali aluno querendo falar comigo. E é assim que a gente vai vivendo a pandemia aqui.

MLMC: Obrigada!

PES: Obrigado, Maria Lucia. Até a próxima, então!

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Docentes em centros de memória

Etec José Rocha Mendes

Paulo Eduardo da Silva

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Centro de Memória

Curador

GEPEMHEP

Técnico em Contabilidade

História

Ensino Médio

Dados Biográficos do Entrevistado



Paulo Eduardo da Silva. Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1985). Professor da Secretaria de Educação de São Paulo de 1983 a 2018. A partir de 1995 passou a trabalhar no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), onde desenvolveu diversos projetos. É membro do GEPEMHEP Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional, onde desenvolve pesquisas em história da educação profissional no Estado de São Paulo. Desde 2011 se dedica à implantação do Centro de Memória Etec José Rocha Mendes. Juntamente com outros membros do GEPEMHEP participou da elaboração dos livros: Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), História Oral na Educação: memórias e identidades (2014), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico da Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017) e Espaços, Objetos e Práticas: memórias e história da educação profissional (2018). Todos organizados pela professora e também pesquisadora Maria Lúcia Mendes de Carvalho. Participou também da elaboração do livro Currículo Escolar em Laboratório: A Educação Profissional e Tecnológica (2019) organizado por Almério Melquíades de Araújo e Fernanda Mello Demai e da apostila pré-vestibulinho (2006 Editora Gabarito) em conjunto com outros professores do CEETEPS. Atualmente, concentra suas atividades em pesquisa e aulas nas Etecs do Centro Paula Souza. CV: <http://lattes.cnpq.br/8078802800097955> Acesso em: 16 mar. 2025.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural

Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em; 05 fev. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Paulo Eduardo da Silva

Termo de uso de Imagem de Paulo Eduardo da Silva

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Paulo Eduardo da Silva